

Internacional

estadão.com.br
Especial. A Revolução Cubana nas páginas do Estadão
topicos.estadão.com.br/cuba

A ILHA DE RAÚL

Reportagem Especial *

Mercado à cubana

● Setor imobiliário

84%
das residências do país estão nas mãos de proprietários particulares

6%
dos imóveis, cerca de 200 mil, estão registrados



Mudanças. Cubanos se reúnem na frente do Parlamento em Havana; flexibilização econômica proposta pelo regime não alcança toda a população

REFORMA EM CUBA IGNORA ABERTURA POLÍTICA

Enquanto tenta flexibilizar economia, regime de Raúl mantém cerco a dissidentes



Rodrigo Cavalheiro / TEXTOS E FOTOS ENVIADO ESPECIAL / HOLGUÍN, CUBA

Na véspera do último Natal, dois irmãos de Holguín, no leste de Cuba, foram presos por cantar rap em sua própria casa. O proble-

ma não era o volume nem a afinação.

Antonio e Marcos Lima Cruz tiveram a casa invadida – primeiro com pedras e ovos atirados pelos vizinhos, depois por policiais – e foram detidos porque entoavam as letras do grupo Los Aldeanes, que falam de coisas como “liberdade de expressão”. A história dos Lima Cruz é um dos casos extremos de uma onda de repressão abafada pelos anúncios de seguidas medidas de flexibilização econômica no último ano.

Segundo a Comissão Cubana de Direitos Humanos, há 50 presos políticos hoje condenados apenas por opinar e o número de detenções relâmpago atingiu

em setembro um recorde em três décadas – 563 pessoas passaram pelo menos algumas horas na prisão, o dobro da média dos oito meses anteriores.

Opositores associam a ofensiva do governo à uma tentativa de desarticular grupos como o das Damas de Blanco. Primeiro porque sua líder, Laura Pollán, morreu em agosto. Segundo, porque o objetivo que tornou movimento conhecido, a libertação dos 75 presos de consciência ligados à Primavera Negra, onda de detenções de março de 2003, foi atingido este ano.

“Fui detida duas vezes no último mês e recebo ligações dizendo que não devo

ir aos encontros das Damas. Eles dizem que isso agora acabou, que não devemos mais sair de casa para isso”, relatou Cecilia Guerra Alfonso, de 52 anos, ao sair da reunião feita há uma semana em um parque na frente da Igreja Santa Rita, um lugar afastado do centro e dos grupos à paisana que costumavam agredir-las em suas marchas dominicais.

Um dos últimos membros dos 75 libertados foi Héctor Maseda, marido de Laura Pollán. Ele acredita que a sequência de detenções em parte deve-se ao pouco interesse com que a dissidência política tem sido tratada no exterior, competindo com decisões históricas co-

MUDANÇA GRADUAL

● Carros novos

Permite comércio de automóveis

● Trabalho autônomo

Raúl Castro autoriza 181 profissões e a abertura de pequenas empresas

● Empreendimentos

Autoriza compra e venda de casas

mo a liberação da venda de casas entre particulares esta semana (*mais informações nesta página*), o comércio de carros, a proliferação de pequenos negócios e a liberação de terras em usufruto. “Aqui na ilha fala-se discretamente de abertura, mas não temos acesso à ela. Continuamos com as mesmas 7 horas de sol por mês, vivendo em uma cela imunda, com um buraco para as necessidades”, disse por telefone ao Estado Maikel Alcalá, preso e condenado à prisão perpétua por tentar escapar de Cuba em uma lancha em 2003.

Ele divide a cela com seu primo Harold Delgado, preso pela mesma razão. “Não é fácil que tenham nos esquecido assim depois que outros foram soltos. Isso aqui é o inferno”, disse Maikel, também por telefone. As ligações se resumem a dez minutos por semana e a única distração, insistem, é o áudio da novela *Passione*, reproduzida em Cuba. Nas visitas que têm a cada três meses, Estrella Aramburu, de 53 anos, mãe de Harold e tia de Maikel, leva um saco com comida e enlatados que é mantido pelos presos na cela. Exposta à umidade, boa parte da comida apodrece.

Pai dos irmãos Lima Cruz, o dissidente Marco Antonio enfrenta privações parecidas para comunicar-se com os filhos. Depois de passar seis meses em um centro de segurança máxima apelidada de “Canta” – porque ali todo preso daria as informações que o regime quer –, os dois foram transferidos para um campo de trabalho forçado a 8 km do centro de Holguín. “Eles agora servem de mão de obra barata para o governo. Constroem casas de oficiais e fazem obras na cidade e no campo. Chegam a trabalhar até 16 horas por dia”, afirma.

Condenados por “escândalo público”, os irmãos devem ficar neste regime até o fim da pena. Antonio, de 29 anos, deve seguir preso até dezembro do ano que vem. Marco, de 33, só deve ter outro Natal em liberdade em 2013.

estadão.com.br

TV Estadão. Veja vídeo de Holguín
tv.estadão.com.br

POUCOS CONSEGUIRÃO COMPRAR CASA

HAVANA

Oferreiro Joaquín, de 34 anos, ganha US\$ 12 por mês montando “bicitáxis” – charretes movidas a pedal (no lugar do cavalo, um cubano), em que turistas são apresentados às belezas de Havana Velha. Uma casa como a que ele vive com a mulher, o filho e a sogra, na parte degradada do bairro, custa US\$ 20 mil.

Joaquín gostaria de prestigiar a lei que esta semana passou a permitir o comércio de imóveis entre particulares, uma iniciativa do presidente Raúl Castro, mas o dinheiro não dá. Se economizar metade do salário a partir de hoje, comprará a casa aos 310 anos. A expectativa de vida de um cubano é de 79 anos.

“Comprar uma casa é impossível”, diz em voz alta, com o macacão azul aberto até cintura, escorado na pia sem água encanada da cozinha. Dois

economistas atestaram ao Estado que a conclusão do ferreiro está correta. A compra de uma residência é um privilégio reservado a cubanos que recebem dólares do exterior ou trabalham em altos postos do governo.

Joaquín até está próximo do regime, mas não como lhe conviria. Vive em um apartamento sobre o hall carcomido por cupins em que se reúne o Comitê de Defesa da Revolução (CDR) da região, em um prédio a duas quadras do Parlamento. Cada distrito cubano tem seu CDR, cujas atribuições vão desde levar ao Partido Comunista problemas de infraestrutura e até delatar atitudes “contrarrevolucionárias”. Uma conversa com um turista, por exemplo, pode render multa ou algumas horas de xadrez.

Joaquín e a família moram no tipo de habitação mais popular nas cidades, conhecida como “barbacoa” (churrasqueira). Trata-se de um puxadinho às avessas. Num apartamento com teto alto, tradição da arquitetura espanhola, cons-



‘Barbacoa’. Joaquín e sua família em casa, um dos mais comuns tipos de habitação em Cuba

trói-se um piso intermediário, normalmente de madeira. Assim, duplica-se a área construída.

Transformar um edifício de dois andares em um de quatro tem efeitos colaterais: a carga sobre as paredes faz com que os prédios coloniais desabem mais cedo e os quartos também ficam mais quentes, daí o apelido.

Na prática, Joaquín poderia deixar a

“churrasqueira” antes da lei de Raúl Castro. O caminho mais rápido: falsificar uma doação e pagar o valor do imóvel “por fora”. A segunda opção, caso já tivesse uma casa, seria fazer uma permuta. Dois imóveis “equivalentes” são legalmente trocados, com um inconveniente: pagar propina ao fiscal encarregado de atestar a similaridade entre um e outro.

Terceira alternativa: comprar o imó-

vel informalmente, com base na palavra. Joaquín pagaria pelo imóvel, que continuaria em nome do vendedor, e torceria para que ele não morresse ou fugisse de Cuba – situação em que a casa iria para o Estado, sem ressarcimento.

Havia uma quarta opção: fazer um casamento de fachada, divorciar-se depois de seis meses e dividir os bens – e trocar uma casa por uma moto, por exemplo. O resultado de tanto trambique é que apenas 6% das casas em Cuba, cerca de 200 mil, estão registradas.

“A nova lei permite ao Estado ter mais controle sobre os impostos, mas também sobre as pessoas”, disse Guillermo Fariñas, dissidente conhecido por uma greve de fome feita há um ano para pressionar pela libertação de 75 presos de consciência.

Para comprar uma casa pela nova lei, Joaquín precisaria fazer um depósito proporcional ao valor do imóvel em um banco e justificar a origem da renda. O Estado poderia aceitar ou não a justificativa e confiscar o dinheiro, caso não a considere convincente. /R.C.

A ILHA DE RAÚL

ENTREVISTA

Félix Sautié Medeiros, filósofo e fundador do Partido Comunista Cubano

‘Aqui há um capitalismo de Estado’

Para Sautié, é preciso romper com o conceito de assalariado do regime que deve apenas cumprir as ordens emanadas por ele

Rodrigo Cavalheiro
ENVIADO ESPECIAL / HAVANA

Na casa em que vive com a mulher, na Rua Animas, centro de Havana, o filósofo e economista Félix Sautié Medeiros recebe com desconfiança inicial quem quer saber “o que está ocorrendo em Cuba”. Fundador do Partido Comunista Cubano, conhece a engrenagem e a mentalidade do partido. Ele é um militante incômodo e um intelectual respeitado o suficiente para dar sua opinião entre os camaradas. Nesta entrevista, ele acredita a nova leva repressiva à falta de liberdade de expressão “que tem de acabar”. E, aos 73 anos, admite sua parcela de culpa no “caos” presente na ilha.

● **As reformas econômicas de Raúl Castro estão produzindo mudanças na prática?**

Antes de mais nada, é preciso ver essa questão com uma grande dose de realismo político e pés no chão. Uma coisa é a realidade que desejamos e outras, bem diferentes, são os planos da realidade que nos querem impor e a realidade de fato. Devo dizer que tudo caminha em ritmo muito lento, extremamente lento, e as reformas idealizadas nas “diretrizes” aprovadas pelo 6.º Congresso do Partido Comunista de Cuba não são suficientes para enfrentar a situação econômica, política e social que estamos atravessando. Faltam muitos aspectos importantes que não foram abordados; como por exemplo, a necessidade de estabelecer um efetivo controle dos trabalhadores nas empresas e entidades estatais, que são propriedade de todo o povo, e não um conjunto de formalidades esquemáticas nas quais esses conceitos foram se desenvolvendo ao longo dos anos. Tampouco foram apresentadas medidas mais efetivas pa-

ra garantir uma real participação da população no desenvolvimento do processo sociopolítico e econômico cubano em geral. Não obstante, com um critério realista e com os pés no chão, devo dizer que a partir da realidade que verdadeiramente está aí e deixando um pouco de lado a realidade que eu quero que seja, é possível observar algumas mudanças. É preciso apostar nas mudanças ainda que sejam pequenas e insuficientes, porque o mais importante neste momento é romper o imobilismo e derrotar as forças burocráticas, que inibem o avanço, as quais se opõem ao movimento e às políticas de mudança concebidas inicialmente. Na minha opinião, apostar nas mudanças implica propiciar as sinergias capazes de provocar mudanças maiores. O contrário disso acho que seria apostar no colapso e no caos total que não beneficiará a ninguém e poderia nos conduzir a males e perigos maiores do que os que enfrentamos atualmente.

● **Que sistema econômico existe hoje em Cuba?**

Os níveis de centralização excessivos adotados em Cuba há muitos anos e o estabelecimento de um pensamento único consagrado – que não admitiu críticas nem sugestões do rumo eventual a seguir, que não sejam os centralmente estabelecidos por esse pensamento único a que me refiro, bem como o sigilo excessivo que tem vigorado e a falta de um verdadeiro controle e de uma participação mais efetiva dos trabalhadores na concepção dos planos de produção e serviços, assim como na política de compensação econômica – derivaram na minha opinião das tentativas de estabelecer um sistema socialista num verdadeiro capitalismo de Estado. Enquanto se planejar e se puser em prática a concepção do trabalhador assalariado que não decide sobre as projeções econômicas e não participa de fato da distribuição dos resultados econômicos da entidade em questão, o que existirá será um capitalismo de Estado,

mais ou menos brando ou duro, de acordo com as variáveis do momento. Para que haja verdadeiramente o socialismo, é imprescindível implementar os conceitos mais amplos de democratização e socialização possíveis, estabelecendo o conceito de trabalhador associado imaginado por Karl Marx e não o de um simples assalariado que deve apenas cumprir as orientações emanadas de cima, conceito próprio do stalinismo. E aqui está a diferença essencial, que determinou o nascimento de uma corrente de pensamento segundo a qual Cuba precisa do estabelecimento de um socialismo participativo e democrático, genuinamente mais humano. E por esse conceito que muitos cubanos revolucionários estão lutando neste momento, e me incluo entre eles.

● **Por que o sr. acredita que não houve renovação dos dirigentes do PC?**

Isso tem muito a ver com as concepções esquemáticas de um continuísmo político caracterizado por um conceito messiânico, determinado principalmente pelo ego que personifica uma geração histórica que negou durante muitos anos a participação mais efetiva das novas gerações na direção da sociedade, que se manteve durante todo este tempo. Trata-se de uma contradição com a própria essência do movimento revolucionário integrado pelos jovens dos anos 50, que derrubou a tirania de Fulgencio Batista, do qual, modestamente, sou um dos participantes porque mantive uma militância revolucionária ininterrupta desde 1957 até agora. Por isso, não estou livre deste problema. Escrevi e afirmo publicamente que, neste controvertido processo, fui ao mesmo tempo algoz e vítima. No entanto, já desde o final dos anos 60, em que fui diretor da publicação *Juventud Rebelde*, defendi na medida das minhas possibilidades a necessidade de canalizar a crítica popular e propiciar o diálogo aberto sobre os problemas essenciais do processo sociopolítico cubano. Em agosto de 1967 publiquei dois artigos com a minha assinatura e o cargo de diretor da publicação *Juventud Rebelde*, intitulados “No bando dos inconformistas” e “Resposta aos que nos criticam”, nos quais defendi energeticamente a mais ampla participação e renovação popular no processo revolucionário até então. Pouco depois, encontramos motivos para substituí-los e punir-me. Hoje, percebi como muitos amigos e companheiros de minha geração de



Dificuldades. Cubanos fazem fila para pegar condução em Havana; precariedade e imprevisto

fins dos anos 50 e princípios dos 60, que ainda muito jovens assumimos importantes responsabilidades políticas, sociais e estatais, pouco a pouco, pelas mais distintas circunstâncias ou desculpas, fomos sendo substituídos e até apagados da memória histórica. Isso eu sofri na minha própria carne e meus companheiros de geração são testemunhas e também foram afetados por esses conceitos que privilegiaram sobretudo a “experiência” acumulada por determinadas cúpulas em detrimento da ampliação de uma participação mais efetiva. Isso foi se repetindo com as gerações que foram surgindo desde então até chegarmos à situação atual em que se reconhece publicamente que não há substitutos para os que se mantêm em seus cargos dobrando a curva dos 75 e 80 anos de idade, o que é de fato muito preocupante.

● **Qual é a saída para a corrupção geral que se vê hoje em Cuba?**

Esse é um problema básico de um sistema totalmente errôneo no qual a pessoa não é um sujeito econômico que pode se sustentar por si mesmo, mas um objeto que participa muito pouco e determina muito pouco. A solução é, antes de tudo, a ne-

cessidade de se conseguir um rearmamento moral da sociedade cubana em seu conjunto porque foram jogados por terra muitos dos valores estabelecidos desde tempos imemoriais em Cuba, tendo havido principalmente um processo de enfraquecimento do papel da família que se pretendeu substituir pela educação fornecida pelo Estado, também é muito importante, mas que não supre tudo. Além da centralização de um pensamento único capaz de decidir tudo, até mesmo acima da lei de um estado de direito, assim como a não retribuição econômica justa que permita que a pessoa se sustente por conta própria com o esforço de seu trabalho, criaram uma situação caótica na qual se desenvolvem desvios próprios de uma economia subterrânea de subsistência propiciadora, além disso, de várias ilegalidades e problemas de índole moral. Para solucioná-lo são necessárias reformas e mudanças econômicas, as liberdades de expressão, crítica, associação e o mais estrito respeito a todos os direitos humanos sem exceção de nenhum.

● **Como o sr. vê o fato de terem libertado “os 75” e já não se falar**

dos demais presos políticos que estão no cárcere?

A Igreja Católica deveria intermediar a libertação desses também? Na minha opinião, isso dependerá de se conseguir uma mudança total de concepções de governabilidade com o mais pleno respeito às opiniões diferentes, aos direitos inalienáveis das pessoas, e de que se faça o mais amplo processo de recontrole, reconciliação e perdão com justiça entre todos os cubanos de dentro e de fora do país sem exceções onerosas para criar uma república na qual caibamos todos, tal como venho propondo com insistência em minhas crônicas e artigos, que lamentavelmente não são publicados em Cuba. Quanto à última parte de sua pergunta em relação ao papel da Igreja Católica, devo dizer, como católico que sou, que a Igreja é a casa de todos sem exceção. Dos que estão a favor e dos que estão contra, e, mesmo utilizando a terminologia de bons e de maus, é a casa de ambos. Portanto, ela tem um papel de mediadora por excelência.

A reportagem do ‘Estado’ em Cuba continua amanhã
Caderno Internacional

AutoCAD LT 2012

Compre agora **OFERTA ESPECIAL: R\$ 2.999,00**

Ligue já: Best Software: (011) 5531-8334
ou: www.loja.pars.com.br

Promoção válida até 28/11/2011 ou término das 180 unidades disponíveis em estoque. Esta promoção não se aplica em conjunto com qualquer outro desconto.

O PRAZER DE DIRIGIR ENCONTROU O PRAZER DE FAZER UM BOM NEGÓCIO.



Cherokee Sport

- Piloto automático • Controle eletrônico de estabilidade
- Áudio com tela de LCD touch screen de 6,5" e 30 GB de memória
- ESP – Programa Eletrônico de Estabilidade
- Tração 4x4 Full Time “Select Trac”

A PARTIR DE
R\$ 99.900,00 + FRETE*

Grand Cherokee Laredo

- Áudio com tela de LCD touch screen de 6,5" e 30 GB de memória
- Controle eletrônico de estabilidade
- Tração Quadra-Trac II • Faróis Bi-Xenon

A PARTIR DE
R\$ 154.900,00 + FRETE*

Wrangler Unlimited Sport

- Piloto automático • Controle eletrônico de estabilidade
- Tração 4x4 manual Part-Time (Command-Trac®)
- Duas capotas (rígida + lona)

A PARTIR DE
R\$ 129.900,00 + FRETE*



RESPEITE A SINALIZAÇÃO DE TRÂNSITO.

www.jeep.com.br | CAC 0800 703 150

3 ANOS
GARANTIA

Chrysler Group FINANCIAL SERVICES

Banco Fidis

Preço de R\$ 154.900,00 válido para o modelo Grand Cherokee Laredo, ano/modelo 2011/2012, R\$ 99.900,00 para o modelo Cherokee Sport, ano/modelo 2011/2012 e R\$ 129.900,00 para o modelo Wrangler Unlimited Sport, ano/modelo 2011/2012 para pagamento à vista. Preço sujeito à variação de ICMS de cada Estado. Oferta válida até 30/11/2011 ou enquanto durar o estoque: 25 unidades do Grand Cherokee Laredo, 15 unidades do Cherokee Sport e 10 unidades do Wrangler Unlimited Sport. Garantia de 3 anos, conforme manual de garantia e manutenção. *Frete não incluso, no valor de R\$ 800,00 a R\$ 2.800,00 dependendo da localização da entrega. Jeep é marca registrada do Chrysler Group LLC.

Internacional

estadão.com.br

 Especial. A Revolução Cubana nas páginas do Estadão
topicos.estadão.com.br/cuba

A ILHA DE RAÚL

Reportagem Especial *

Crise de alimentos

● **Subsídios**
Cuba importa 80% dos alimentos que a população consome. Ainda assim, o Estado mantém pesado subsídio à comida.



RODRIGO CAVALHEIRO/AE

Desafio.
Valiente, que há 40 anos trabalha com a cana

Fim da 'libreta' empurra cubanos para mercado negro

● A histórica 'libreta' de alimentos, símbolo da capacidade da Revolução de garantir comida aos cubanos, está perto de acabar. Os produtos que sobraram (arroz, açúcar, azeite e algo de carne) chegam em quantidade insuficiente aos armazéns do Estado, onde são distribuídos. Com um salário médio de US\$ 18, sem acesso à abundante comida oferecida em pesos convertíveis (CUCs, a moeda atrelada ao dólar) – privilégio de turistas e de cidadãos que recebem remessas do exterior –, o cubano médio recorre ao mercado negro.

“Todo mundo entra na ilegalidade. Eu, por exemplo, compro leite em pó no mercado negro. Alguém desvia algumas latas na fábrica e as passa para o caminhoneiro, que as passa para o homem que trabalha no armazém estatal, que me vende 'por fora'. O preço é maior que o subsidiado, mas menor que o produto oferecido em dólares. Em resumo, todo mundo rouba um pouquinho do Estado”, explica José Luis (que prefere omitir o sobrenome), morador de 40 anos de Havana.

A escassez mais emblemática talvez seja a de leite. Dados de setembro mostram que a produção este ano foi 34 milhões de litros menor do que a de 2010 (371,7 milhões de litros). A entrega à população, na forma de subsídios, caiu 10,8 milhões de litros (é de 93,1 milhões). O resultado da escassez leva a proibições. A carne sofre restrições e o leite, por exemplo, passou a ser proibido para maiores de 7 anos. “Isso é um problema para o futuro”, lamenta Antônio Gutierrez, professor de Educação Física. / R.C.

CUBA DISTRIBUI TERRA, MAS PRECARIEDADE AGRAVA FALTA DE COMIDA

Sucateamento no campo acelera cortes de produtos subsidiados pelo governo



Rodrigo Cavalheiro / TEXTOS E FOTOS ENVIADO ESPECIAL A GUANTÁNAMO, CUBA

Falta água aos pés de cana da região de Guantánamo, extremo leste de Cuba. Quem conta é Domingo Valiente, agricultor de 60 anos que dedicou 41 deles aos canaviais. Ele trabalhou em todas etapas do cultivo, sendo uma década na mais dura, o corte. Embora tenha visto o tamanho dos pés e a área plantada minguarem, Valiente confessa: não imaginou que um dia faltaria açúcar em sua mesa.

Há relação entre a escassez de açúcar na mesa e a de água na lavoura. E não é que chova menos nos arredores de Guantánamo. “Havia mais bombas para trazer água da barra-

gem. Só aqui na vila, tínhamos seis tratores. Aquela época é que era boa”, explica com a voz e a cabeça baixas, enquanto ajeita o boné (o chapéu de abas brancas, típico dos guajiros, está rasgado).

Valiente começou em 1970 a lidar com os canaviais da Vila de Santa Marta, a 10 km da cidade de Guantánamo e a 5 km da base militar americana.

Foi justamente a época “boa” a que se refere. Ele lembra que a falta de máquinas começou com o fim do “período especial”, como os cubanos chamam a época em que contavam com o apadrinhamento da União Soviética – Cuba tinha 156 usinas de açúcar em 1990, hoje são 42.

A partir de então, os efeitos do bloqueio americano – instituído em 1967 e convertido em lei nos Estados Unidos em 1992 – passaram a ser mais sentidos. O sepultamento do Ministério do Açúcar veio no *Diário Oficial* de sexta-feira, depois do anúncio de sua extinção em setembro.

Valiente trabalha hoje em dois turnos: das 7 horas às 11 horas e das 14 horas às 16h30. O intervalo para almoço o incomoda. Sente falta de comer no ca-

REDUÇÃO

● Produção de açúcar em Cuba, em %, comparada à de 1989

ANO	PORCENTAGEM
2005	17,5
2006	15,8
2007	15,3
2008	18,7
2009	18,1
2010	10,9

FONTE: GOVERNO DE CUBA

navial. “Ganhávamos tempo”, diz, insinuando que havia mais trabalho. Valiente monitora o crescimento das plantas e lamenta quando elas não superam seu 1,75m de altura. Os pés semeados em janeiro estão perto da colheita.

Os plantados em setembro ainda batem na altura do rasgão que ele leva perto do joelho, na perna direita da calça.

Ao falar da produtividade da última safra, Valiente sorri pela primeira vez

em uma hora de conversa. Foram 34 toneladas por hectare, 4 toneladas a mais que a anterior. Ignora que ambas estão abaixo da metade da média mundial – de 70,9 toneladas por hectare. A brasileira chega a 80.

“A falta de infraestrutura reflete-se em todas as áreas da agricultura”, diz o economista Oscar Espinosa (*mais informações nesta página*). “A produção de açúcar caiu aos níveis de 1895. É de apenas 10,9% do que era em 1989. Quando há alguma pequena flutuação no mercado, é preciso importar açúcar. Costumo olhar os pacotes e já vi açúcar brasileiro. Até que é bom”, completa.

Segundo o governo, Cuba tem 6,6 milhões de hectares de terras agrícolas. Em 2007, apenas a metade era cultivada. Em 2008, Raúl Castro começou a entrega de 1,3 milhão de hectares de propriedade estatal ociosos em usufruto aos agricultores. A medida não teve o impacto esperado.

Trabalhadores como Valiente, pres-tes a se aposentar, com um salário de US\$ 10 ao mês, não acharam conveniente deixar o abrigo do Estado para assumir uma terra coberta por pragas,

sem maquinário adequado e com restrições ao uso pleno do terreno. Para ele, a época em que Cuba e a cana eram sinônimos não tem mais volta. Dois de seus três filhos foram para Havana, longe dos canaviais.

Ajuda. Valiente recebe do governo, como parte da “libreta” de alimentos, quase dois quilos do produto por mês, um quarto dos quais é refinado. “Dá para 20 dias. Quando sobra dinheiro, compro mais”, conta. Quase nunca sobra, e o açúcar não é prioridade. Valiente acende outro cigarro e sorri pela segunda vez quando questionado sobre o vício. “Preciso parar com eles”, diz. Saúde? “Não, dói no bolso mesmo”, diz o guajiro guantanamero. Assim são conhecidos os agricultores que resistem na região.

estadão.com.br

TV Estadão. Veja vídeo de Holguín
tv.estadão.com.br

ENTREVISTA

Oscar Espinosa, economista dissidente

‘NOVA RECESSÃO MUNDIAL SERIA DESASTROSA PARA OS CUBANOS’

Preso durante a chamada Primavera Negra, onda de repressão que tirou das ruas 75 dissidentes cubanos em março de 2003, o economista Oscar Espinosa está entre os críticos mais equilibrados do regime cubano. Morador de um subúrbio de Havana – foi liberado por licença médica –, ele acredita que Raúl Castro está determinado a abrir o país ao mercado.

Mas teme que as medidas não cheguem a tempo de evitar um colapso econômico e político.

● **Por que a distribuição de terras em usufruto ainda não deu certo?**

Essas terras estiveram abandonadas desde que deixaram de ser latifúndios privados para ser latifúndios do Estado, em 1969. É muito difícil cultivá-

las sem apoio. Há outras travas. O governo não deixa o usufrutuário construir sua casa no terreno, que fica com ele por no máximo dez anos.

● **Por que a reforma econômica de Raúl está demorando a fazer efeito?**

As mudanças de Raúl vão na direção correta, mas temo que não evitem o colapso econômico. Fidel Castro foi um Deus aqui, mas deixou um país caótico para o irmão. Em volume, a produção industrial é 43% do que era em 1989. Há uma descapitalização do país.

● **Que outros setores foram afetados?**

A criação de gado, por exemplo. O

rebanho era de 7,9 milhões de cabeças em 1969. Hoje é de 4 milhões.

● **Que papel tem o bloqueio econômico dos EUA?**

Ele influi, mas nos bloqueamos internamente também. Fala-se em bloqueio como se fosse algo absoluto, mas os EUA são o 5.º parceiro comercial de Cuba.

● **Como a crise econômica mundial pode afetar a ilha?**

Uma nova recessão mundial seria desastrosa para Cuba. O Brasil pode sofrer um pouco, mas aqui não há nenhuma reserva. Se nas eleições venezuelanas houver uma mudança

de corrente, também haverá problemas. Só a falta de petróleo de Hugo Chávez seria um problema gigante.

● **A combinação entre o fim dos subsídios e a manutenção dos salários pode levar a uma revolta popular?**

Se os salários não aumentarem, a população começará a ter dificuldade para comer. O cubano em geral é muito pacífico, mas se houver fome pode haver uma reação inesperada. Não acredito em revolta também porque o governo tem mecanismo de repressão forte, mas no Norte da África o processo começou por falta de comida e inflação. É isso que move um levante. / R.C.

A ILHA DE RAÚL

Burocracia e excesso de impostos emperram vendas de carros em Cuba

Estado cobra do vendedor e do comprador 4% do valor do veículo, exige um depósito como garantia e a comprovação da origem do dinheiro

Rodrigo Cavalheiro
ENVIADO ESPECIAL
SANTIAGO DE CUBA

Ao perceber que a água empo-

çada nas ruas de Santiago de Cuba entrava pelas frestas do assoalho e molhava seus pés sempre que acertava um buraco, o engenheiro Enrique Sán-

chez viu que seu Lada 1975 tinha chegado ao limite. Taxista por necessidade, não se desfez do carro avaliado em US\$ 7 mil. Nem pretende fazê-lo, dois meses após o governo permitir o comércio de veículos.

Falta a Enrique um comprador que pague 4% sobre o valor do carro (ele desembolsaria outros 4%) e capaz de depositar US\$ 10 mil no banco em garantia até que o Estado investigue a origem do dinheiro. O último requisito é o que mais assusta os cubanos que, como Enrique, vivem na informalidade com um salário médio de US\$ 18. "Como alguém explica de onde tirou tanto dinheiro?", questiona.

A exemplo do que ocorre com os imóveis, cujo comércio foi liberado este mês, no caso dos carros a lei beneficia o cubano que recebe dinheiro do exterior e pode declará-lo. Como é o Estado que autoriza o negócio, fontes de dinheiro "avessas ao regime" podem ser vetadas sem explicação. "Chamo isso de clientelismo sobre rodas. Continua sendo o Estado quem autoriza o negócio", diz o economista Oscar Espinosa.

À parte das exigências legais, há um entrave prático à intenção de criar um mercado automobilístico. Após cinco décadas de proibição, os cubanos não sabem se seus carros valerão mais ou menos em um mês ou dois. "Mesmo quem tem tudo o que o Estado exige teme perder dinheiro e o carro que comprou valer a metade em um mês. Além disso, comprar um carro com tecnolo-



Táxi. Enrique espera achar um comprador para seu Lada

dem um carro é trivial: encontrar o dono real.

Um veículo pode ter passado por dezenas de donos informais, o que emperra a legalização com que o Estado pretende fazer caixa. Muitos morreram ou fugiram do país. Além disso, quem passou adiante um carro há 20 anos, por exemplo, prefere não aparecer para efetivar a transferência ao saber que deve pagar uma média de 4% sobre o valor atual do veículo.

Vendas. As novas regras não significam aumento de oferta de carros. Não há concessionárias em Cuba. Os carros novos que nos últimos anos mudaram o visual nas ruas são adquiridos por médicos, cientistas e esportistas capazes de pagar pela importação em dólar. A histórica política estatal de "vender" carros subsidiados aos "bons revolucionários" foi abandonada há cerca de 15 anos.

A marcha lenta no comércio de carros poderia ser revertida caso o governo confirme o rumor de que, em 2012, fará uma regularização em massa que obrigará todos os carros a atualizar suas placas. Com preços reais e veículos "limpos" no mercado, Enrique crê que será mais fácil achar um comprador e recuperar o investimento feito para impermeabilizar com couro sintético o assoalho, as portas e os bancos de seu Lada azul.

gia nova em Cuba é um problema. Cada cubano é um mecânico e sabe exatamente que peça de outro carro velho serve no seu. Trocar um veículo velho por um novo é burrice, pois ele ficará parado se alguma peça estragar", afirma o ex-militar José Luís, de 40 anos, também dono de um Lada.

Até a mudança, era permitido vender em Cuba apenas carros fabricados após 1959, ano da Revo-

lução Cubana. A antiga regra fez com que veículos como o desbotado Chevrolet verde de Osvaldo Gutiérrez, ex-secretário-geral do Partido Comunista em Havana, atingissem até US\$ 20 mil quando movidos a diesel.

No entanto, todos os modelos posteriores a 1959 foram vendidos e revendidos ao longo de décadas no mercado negro, levando a cenários inusitados. O primeiro desafio para colocar em or-

A Itaplan e a GMR assinam contrato para lançar e comercializar o empreendimento comercial em Jundiá



Tel.: (11) 3167-2233
www.itaplan.com.br

Vendas Futuras:

ITAPLAN

O empreendimento só será comercializado após o registro do Memorial de Incorporação no Cartório de Imóveis, nos termos da Lei nº 4.591/64.

Central de vendas ITAPLAN: Rua Pedroso Alvarenga, 900 - 3º and. CRECI 22856-J

Em 1951 um grupo de profissionais criou a Escola de Propaganda do MASP. Para quem só queria fazer uma boa escola de propaganda e marketing, fomos bem longe.



Em pé, da esquerda para a direita: Antonio A. Nogueira, Linneu Schützer, Renato Castelo Branco, Geraldo Santos, Fritz Lessin e João Carillo. Sentados: Ruy de Barros Chalmers, Gerhard Wilda, Murillo Mendes, Salvador Così Pintaudi, Rodolfo Lima Martensen e Arnaldo da Rocha e Silva.

A década de 50 foi única na história do país. Única em criatividade e efervescência econômica, social e cultural. Uma década onde os sonhos pareciam não ter limites. Foi nesse ambiente que em 27 de outubro de 1951, um grupo de publicitários, profissionais de veículos de comunicação e anunciantes, reunidos em torno de uma ideia, criaram a Escola de Propaganda do Museu de Arte de São Paulo, que viria a se transformar na melhor escola de comunicação,

marketing e gestão do Brasil: a ESPM. Uma escola que abriu caminho para o talento de várias gerações de profissionais. Hoje, a ESPM é uma referência em inovação e criatividade, oferecendo cursos de graduação e pós-graduação, mestrado, extensão e educação executiva. Sempre fiel a seus princípios de excelência e sua visão de futuro. ESPM: sempre criativa, sempre inovadora, sempre competente, sempre sonhadora, sempre responsável.

SEMPRE ESPM 60

www.espm.br

A ILHA DE RAÚL

Reportagem Especial *

Empreendedorismo cubano

MICROEMPRESAS TORNAM
'LUCRO' PALAVRA
CORRENTE EM CUBA

Número de microempresários cubanos saltou de 148 mil para 333 mil em um ano

Rodrigo Cavalheiro | TEXTOS E FOTOS
ENVIADO ESPECIAL | HAVANA

“Um abacate com camarões de entrada e uma lagosta fatiada de ‘prato forte’”, grita o garçom a caminho da cozinha. Sentada em um banco ao lado do bar, Leticia Garrido anota em um caderninho o pedido do cliente que acaba de ocupar a última mesa entre as sete do restaurante. “Meu lucro não chega a 20%, mas o negócio vai bem”, explica esta ferreira que há um ano aposentou soldas e tornos para transformar seu ateliê em um “paladar” – apelido dado pelos cubanos a seus restaurantes. Os paladares são a mais evidente cara do aumento dos pequenos negócios no país. Em um ano, o número de “cuentapropistas”, eufemismo castrista para microempresário, saltou de 148 mil para 333 mil.

O uso assim espontâneo e sem vergonha da palavra “ganancia”, que em espanhol significa lucro, é uma pequena revolução entre os ressaltados empreendedores cubanos. No ramo gastronômico, a última vez que tinham se animado a exercitá-la fora no início dos anos 90, com o fim da União Soviética. Mais por necessidade do que por ideologia.

“Quando a ajuda dos soviéticos acabou, centenas de cubanos ficaram desesperados e começaram a abrir restaurantes clandestinos por conta própria em qualquer lugar”,



‘Subversiva’. Dona de restaurante, Leticia começou seu negócio atraindo turistas com refeições a preços baixos

lembra Leticia, ela mesma uma “subversiva” que começou a ganhar dinheiro atraindo turistas a preços baixos ao mesmo beco onde tem o atual negócio, perto da catedral.

Preocupado com o desequilíbrio social que os embrionários negócios pode-



Leia o **Estadão** no Ipad. Saiba como em: estadão.com.br/ceular/ipad

riam causar, o Estado colocou nas ruas fiscais para fechar as casas. Não conseguiu. Impôs, então, exigências e limitações que sufocaram o movimento. Os restaurantes não podiam ter empregados e estava proibido vender carne de

* **Cenário: Rodrigo Cavalheiro**Demissão em massa,
o 1º fracasso de Raúl

Annunciada redução em massa de funcionários representa o fracasso mais claro do pacote de medidas econômicas anunciado pelo presidente Raúl

Castro neste ano – embora caminhe devagar, a venda de carros e de casas tende a reduzir a informalidade no longo prazo.

Apesar de ter superado a expectativa do governo cubano, a multiplicação de “cuentapropistas”, como são chamados os microempresários em Cuba, e de seus negócios é inexpressiva se o objetivo for absorver os 1,3 milhão de empregados públicos do país que o próprio Estado considera “demais” e tem intenção de demitir até 2015.

Ate mesmo a intenção de demitir 500 mil pes-

soas até abril foi abortada, por uma silenciosa e incomum rebelião dentro do funcionalismo – uma camada fortalecida em número e quadros ao longo de cinco décadas de regime.

A falha principal do governo, afirmam dois militantes do Partido Comunista Cubano, foi anunciar a demissão sem dar nome aos demitidos. Cada empresa pública recebeu ordem de cortar, a seu critério, um determinado número de empregados em certo prazo. Como o critério dos chefes nem sempre foi o da produtividade, parte dos que ficariam empregados nessa pri-

meira leva de cortes não só opinou, como se opôs ao apadrinhamento.

No leste de Cuba, a parte mais pobre e exposta à crise econômica da ilha, alguns núcleos descontentes chegaram a entoar a palavra “huelga” (greve, em espanhol), ausente por imposição do dicionário cubano (até mais do que “lucro”). As greves estão proibidas na ilha. Mas o rápido recuo do governo no plano de demissões sugere que esse ato “antirrevolucionário” nunca esteve tão perto de ocorrer nas últimas cinco décadas.

DISPUTA REDUZ PREÇO DE HOSPEDAGEM

HAVANA

Há cinco anos, a opção de hospedagem mais barata em Cuba eram as chamadas casas particulares, residências familiares cujos donos cediam, com autorização expressa do Estado, um quarto por US\$ 30 por noite. O preço era tabelado.

A flexibilização econômica levada a cabo por Raúl Castro incluiu também esse nicho de mercado, o que mudou o cenário da hospedagem barata em Cuba. Qualquer família pode agora conseguir uma licença – antes privilégio de amigos do regime –, o que levou os preços a baixar a uma média de US\$ 25 (há quem cobre menos, até US\$ 20).

Edson Frias, de 65 anos, mudou pa-

ra o térreo o próprio quarto para poder alugar o segundo andar do sobrado em que vive no centro de Havana, e assim complementar os ganhos de militar reformado.

“Também é uma forma de conhecer gente de fora, saber o que está ocorrendo em outros países”, explica o ex-combatente em Angola nos anos 80, empoeirado pelo gesso usado na divisória que garantirá o segundo quarto de aluguel.

A concorrência em torno dos chamados “turistas independentes” abriu campo para a multiplicação dos chamados “gineteros”, atravessadores especializados em explorar estrangeiros por meio de comissões.

No centro de Havana, é comum velos oferecendo vagas em casas particulares e acompanhando os turistas em troca de valores que vão de US\$ 2 a US\$5,



Capitalismo. Detalhe de um dos quartos de família alugados para turistas na ilha

Por mês, o Estado embolsa US\$ 150 por quarto em impostos.

Outro efeito cascata das mudanças que ocorreram no ramo da hotelaria de

baixo custo – hotéis que poderiam se orgulhar de ter uma estrela tiveram de reduzir suas diárias a preços que chegam a US\$ 15. /R.C.

MUDANÇA GRADUAL

● Carros novos

Em outubro, Havana autorizou o comércio de automóveis, até então liberado apenas para veículos fabricados antes de 1959

● Bens de consumo

Comércio de eletrodomésticos foi autorizado em julho

● Trabalho autônomo

Desde o fim de 2010, Raúl Castro autorizou 181 profissões

● Empreendimentos

A abertura de pequenas empresas também foi autorizada

● Expectativas

Também devem ser adotadas mudanças na política migratória e na permissão de saída do país

● Restaurantes

Atualmente há 1.438 ‘paladares’ em Cuba, como são chamados os restaurantes improvisados

● Negócios

185 mil

novos empresários cubanos iniciaram trabalhos na ilha no último ano

rante só podia ter 12 assentos – daí uma piada recorrente na ilha até hoje, a de que um “paladar” daquela época nunca poderia receber a Última Ceia.

Leticia fechou o restaurante e por mais de uma década voltou a trabalhar com ferro. Até o ano passado, quando várias das proibições caíram. Atualmente, o número de “paladares” na ilha é de 1.438. “Acho que agora não há espaço para uma nova reviravolta”, diz a Leticia, que tem dez funcionários, enquanto fecha a última conta – de US\$ 18 – e pergunta ao cliente se o abacate com camarões – banhados em limão siciliano fresco – estavam saborosos.

Enquanto nos ambientes sofisticados da capital os fiscais parecem orientados a deixar a palavra lucro assentar-se, no interior do país montar um negócio ainda é uma aventura para quem, por décadas, só pôde ser funcionário do Estado.

Yasmin López instalou um bar no estacionamento de casa, diante da praça central de Holguín, leste de Cuba. Enquanto no imponente casarão colonial vizinho um prato de arroz com frango custa US\$ 15, ela cobra US\$ 0,50 por um prato feito com os mesmo elementos. O lugar está repleto de cubanos, tão cheio que o fiscal do Estado que faz a segunda visita em dois dias precisa se sentar na cozinha, já dentro da casa.

“Foram duas multas, de US\$ 10 e outra de US\$ 18, ontem e hoje. Isso já eliminou meu lucro”, conta Yasmin, que tem quatro empregados polivalentes (garçons-cozinheiros-faxineiros). “Mas não posso reclamar, antes não podíamos nem tentar”, completa, apresentando a conta de US\$ 1 (uma limonada custa US\$ 0,50).

O perfil dos novos empreendedores cubanos é diverso. Leticia chegou à universidade. Yasmin terminou o secundário. E há gente como “Robertico”, que chegou a ser ministro.

Dono do refinado bar Chaplin’s, perto do cinema homônimo, no bairro Vedado, em Havana, Roberto Robaina – “Robertico”, para Fidel Castro – era o chanceler cubano justamente durante o colapso soviético, ou “fim do período especial”, como os cubanos chamam o tempo do apadrinhamento soviético. Robaina foi afastado do posto e do Partido Comunista, onde era a jovem estrela em ascensão. A acusação: promover-se pensando em um período pós-Castro.